



O CRÍTICO E O ROMANCISTA: DOIS LADOS DE MACHADO DE ASSIS

Dayana Mendes Lopes*

Resumo: No presente artigo, analisamos a importância do trabalho de Machado de Assis como crítico literário. Tal tarefa foi exercida antes da configuração de seus romances, no auge de sua juventude, porém, não podemos negar que a função influenciou a carreira do romancista. Almejou-se, assim, compreender a importância das publicações de cunho crítico na construção da personalidade literária do escritor. Para tanto, analisou-se os textos críticos feitos por Machado de Assis, destacando-se o perfil de crítico e de autor que Machado de Assis considerava ideal. Buscou-se evidenciar como este ofício afetou os romances machadianos a partir de 1880, período áureo de sua ficção.

Palavras chave: Machado de Assis; Crítico literário; Ficção Machadiana; Literatura.

Abstract: In this article, we analyze the importance of Machado de Assis' time as a literary critic. He worked as a critic in the prime of his youth and before writing his novels. However, his job as a critic influenced the novelist's career. This text's aim is to understand the relevance of his job as a critic in the construction of his writing personality.

Keywords: Machado de Assis; Literary Critic; Machado de Assis' Fiction; Literature.

1 Considerações Iniciais

Machado de Assis inicia suas análises críticas em 1858. Já a produção de seus romances ocorre apenas em 1872, ano em que publicou *Ressureição*. Embora o autor tenha produzido diferentes gêneros textuais ao longo dos anos, esta lacuna temporal possibilita um questionamento: a visão desenvolvida por ele quando crítico teria alguma influência na construção de seus romances?

A melhor base para entendermos a relação entre a construção de uma obra literária produtiva e a importância da crítica nesse processo está em "O ideal do crítico". Na publicação de 1865, Machado é categórico: a solução para a melhora na qualidade das obras nacionais publicadas está na crítica. Nas palavras do autor, temos:

Não quero proferir juízo, que seria temerário, mas qualquer um pode notar com que largos intervalos aparecem as boas obras, e como são raras as publicações seladas por um talento verdadeiro. Quereis mudar esta situação aflitiva? Estabelecei a crítica, mas a crítica fecunda, e não a estéril, que nos aborrece e nos mata, que não reflete nem discute, que abate por capricho ou levanta por vaidade; estabelecei a crítica pensadora, sincera, perseverante,

* Mestranda em Literatura Brasileira e Graduada em Letras (Português) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

E-mail: dayanamlopes@gmail.com

Curriculo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2127009128096759>





elevada, – será esse o meio de reerguer os ânimos, promover os estímulos, guiar os estreatantes, corrigir os talentos feitos; condenai o ódio, a camaradagem e a indiferença, – essas três chagas da crítica de hoje, – ponde em lugar deles, a sinceridade, a solicitude e a justiça, – é só assim que teremos uma grande literatura (ASSIS, 1986, p. 903).

Qualquer estudo sobre a obra machadiana que se preze não pode ignorar o talento do escritor para selecionar vocábulos para seus textos. As escolhas lexicais não são aleatórias, ao contrário, são selecionadas e encaixadas com perfeição na construção de frases.

Ao levarmos em consideração essa aptidão, faz-se necessário voltarmos nossa atenção para a construção vocabular presente em “O ideal do crítico”, já que, ao caracterizar a crítica de boa qualidade, ele a atribui os seguintes adjetivos: “fecunda”, “pensadora”, “sincera”, “perseverante” e “elevada”. Ao enumerar qualidades, ele evidencia, justamente, que o trabalho de análise desenvolvido em sua época não tinha tais atributos. Como se não fosse o bastante, ele convida os críticos a desempenharem o ofício, fazendo-o com “sinceridade”, “solicitude” e “justiça”. O criador de Brás Cubas define, assim, a função da crítica, revelando a necessidade de se conhecer plenamente as características de um gênero literário para entendê-lo a fundo.

Deve-se entender que, ao traçar o perfil ideal de um crítico, ele formula regras para a função que também desempenha. Além disso, ao apontar os erros das obras de escritores de sua época, acaba por perceber os elementos necessários para a confecção de uma escrita de qualidade. Seria ingenuidade pensar que tanto tempo gasto lendo e examinando as produções não fizesse com que ele introduzisse uma visão analítica em seus próprios romances.

Isso é comprovado quando se lê “A nova geração”(1879), visto que algumas considerações negativas sobre o realismo são feitas. Ao expô-las, o Bruxo do Cosme Velho lança, ainda que sem querer, uma polêmica acadêmica que ainda não tem solução: Machado de Assis é mesmo um autor realista? Como conceituar a obra machadiana?

No momento em que analisa os textos classificados como realistas e reflete sobre esta escola literária, ele percebe as falhas presentes naqueles escritos e, por enxergá-las, não construirá, quando publicar suas narrativas, enredos tão atrelados à estética que criticou.¹

Convém destacar ainda que, em “A nova geração”, encontra-se logo no início da publicação:

Esse dia, que foi o romantismo, teve as suas horas de arrebatamento, de cansaço e por fim de sonolência, até que sobreveio a tarde e negrejou a noite. A nova geração chasqueia às vezes do romantismo. Não se pode exigir da extrema juventude a exata ponderação das coisas; não há impor a reflexão ao entusiasmo. De outra sorte, essa geração teria advertido que a extinção de um grande movimento literário não importa a condenação formal e absoluta de tudo o que ele afirmou; alguma coisa entra e fica no pecúlio do espírito humano. Mais do que ninguém, estava ela obrigada a não ver no romantismo um simples interregno, um brilhante pesadelo, um efeito sem causa, mas

¹Dado o escopo deste trabalho, não posicionaremos aqui a grande discussão acerca da rotulação dos textos machadianos a respeito das estéticas vigentes de sua época. Tal discussão nos desviaria, *a priori*, do objetivo central deste trabalho. Para maiores detalhes consultar o brilhante ensaio de Bernardo (2011).





alguma coisa mais que, se não deu tudo o que prometia, deixa quanto basta para legitimá-lo. Morre porque é mortal. “As teorias passam, mas as verdades necessárias devem subsistir”. Isto que Renan dizia há poucos meses da religião e da ciência, podemos aplicá-lo à poesia e à arte. A poesia não é, não pode ser eterna repetição; está dito e redito que ao período espontâneo e original sucede a fase da convenção e do processo técnico, e é então que a poesia, necessidade virtual do homem, forceja por quebrar o molde e substituí-lo. (ASSIS, 1986, p. 810)

Evidencia-se, na passagem anterior, um esgotamento sofrido pelo romantismo. A queda de uma escola literária é compreendida como um fenômeno natural. No entanto, a afirmação desenvolvida no fragmento em questão não ficará restrita ao ensaio citado. Será posteriormente retomada em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, mais precisamente no capítulo XIV do romance:

Tinha dezessete anos; pungia-me um buçozinho que eu forcejava por trazer a bigode. Os olhos, vivos e resolutos, eram a minha feição verdadeiramente máscula. Como ostentasse certa arrogância, não se distinguia bem se era uma criança com fumos de homem, se um homem com ares de menino. Ao cabo, era um lindo garção, lindo e audaz, que entrava na vida de botas e esporas, chicote na mão e sangue nas veias, cavalgando um corcel nervoso, rijo, veloz, como o corcel das antigas baladas, que o romantismo foi buscar ao castelo medieval, para dar com eles nas ruas do nosso século. O pior é que o estafaram a tal ponto, que foi preciso deitá-lo à margem, onde o realismo o veio achar, comido de lazeira e vermes, e, por compaixão, o transportou para os seus livros. (ASSIS, 1994, p. 21)

A construção feita por Machado de Assis anos depois resgata, justamente, a ideia de que o Romantismo estava morto. Ao mesmo tempo, atribui, na passagem, o dado de que o Realismo se apropriou desta carne apodrecida. Isso evidencia que as considerações desenvolvidas dentro dos ensaios de cunho crítico afetaram de algum modo a produção ficcional de Machado.

Em “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade” (1873), encontramos mais exemplos que comprovam a proximidade entre a crítica desenvolvida por ele e sua ficção. Evidencia-se ali que a literatura produzida a partir da temática indianista e do local não deveria ser excluída ou tornada como único assunto, a questão central da nacionalidade e o que seria plausível exigir do escritor é “certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço” (ASSIS, 1954, p. 135). A ordem do dia para o escritor no Brasil deveria abordar questões nacionais sem desvinculá-las das grandes questões universais – o que Roberto Schwarz, um dos grandes estudiosos da obra machadiana, definiu como “dialética do local e do universal” (SCHWARZ, 1987, p. 168).

Os apontamentos feitos por Machado de Assis, no referido ensaio, resumem e descrevem o tipo de ficção que seria desenvolvida pelo próprio autor anos mais tarde. Em suma, a forma como o escritor analisou a literatura nacional, quando exerceu o papel de crítico, serviu de base para a formação do Machado de Assis romancista. Não faria sentido agir de outra forma, ou seja, trazer para a própria





literatura aquilo que condenava ou julgava como ruim. O professor José Luis Jobim faz uma interessante análise sobre o assunto:

Machado, em vez de produzir manifestos que explicitem sua posição em relação à criação literária – instigando outros autores a segui-lo, num papel que ele próprio classificaria como de “chefe de escola” –, pronuncia-se sobre a criação literária em críticas a outros escritores: o que neles elogia é o que adotará como prática; o que condena é o que evitará. E, curiosamente, embora não tenha produzido nenhum manifesto sobre literatura, publicou uma espécie de manifesto sobre crítica literária, em 1865. Naquele ano, veio à luz “O ideal do crítico”, texto que será parâmetro inicial para as linhas mestras de sua atuação na crítica literária e que também pode servir para entendermos algumas ideias suas sobre o fazer literário que serão reiteradas e desenvolvidas depois. (2015, p. 2)

Além de constatar essa influência, faz-se pertinente perceber a visão que Machado apresentava do ofício de crítico. Para ele, a função age como uma espécie de guia, aconselhando e indicando o caminho de uma obra de qualidade. Um crítico que não seja educado, que não seja delicado nas observações e restrições que faça ao autor que examina, dificilmente será levado em consideração pelo criticado.

Avancemos, então, para uma segunda questão problemática que envolve o assunto: se há um perfil de crítico ideal e se Machado de Assis encaixava-se bem no modelo que idealizou, não deveria existir um artista ideal para lidar com os conselhos críticos? Para o criador de Quincas Borba, o escritor cujas obras foram analisadas deve entendê-las como uma ferramenta importante para o aprimoramento técnico do que publica. Em nenhum momento, os conselhos do crítico devem ser vistos como pessoais ou ruins, ao contrário.

Embora Machado tenha adquirido com o tempo o apelido de “bruxo”, não possuía nenhuma magia que o fizesse controlar a reação de um escritor diante dos comentários desenvolvidos por ele. Assim, colecionou alguns desafetos, já que não conseguiu fazer com que os autores de sua época entendessem a tarefa que desempenhava. O impasse mais famoso ocorreu com Sílvio Romero que parece não ter concordado com a crítica de Machado sobre *Cantos do fim do século*.²

A reação negativa e os desafetos talvez tenham desestimulado Machado de Assis, já que a carreira de crítico foi oficialmente encerrada e abriu espaço para a versão romancista. No entanto, a fase foi marcante e importante para o desenvolvimento das suas obras ficcionais. Haveria, afinal, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* se não existisse a tarefa de crítico?

² Machado de Assis, ao analisar o livro de poemas de Sílvio Romero, disse: “Os *Cantos do fim do século* podem ser também documento de aplicação, mas não dão a conhecer um poeta; e para tudo dizer numa só palavra, o Sr. Romero não possui a forma poética” (ASSIS, 1986, p. 812). O comentário feito por Machado de Assis despertou a inimizade de Romero, tornado-o antimachadiano por excelência, tanto em artigos na imprensa quanto no célebre *Machado de Assis: um estudo comparativo*.





2 A Aposentadoria de um Crítico

Luis Costa Lima (2006) aventa a hipótese de que se Machado houvesse insistido no exercício da crítica - numa situação história concreta adversa na qual predominavam concepções como o sociologismo, o evolucionismo, o naturalismo, o determinismo, instrumentalizados para a construção da nacionalidade - teria tido dificuldades de circulação e produção literárias naquele ambiente sócio-cultural:

A genialidade machadiana teria sofrido o mesmo ostracismo que enterrou um Joaquim de Sousa Andrade se o romancista não tivesse aprendido a usar a tática de capoeira nas relações sociais [...] Primeiro sinal de sua esperteza: não insistiu no exercício da crítica. Se houvesse perseverado em artigos como seu “Instinto de nacionalidade” (1873), provavelmente teria multiplicado inimigos ferozes. Em troca, a criação da Academia Brasileira de Letras lhe punha em relações cordiais com os letrados e com os compadres dos “donos do poder” [...] Sua salvação intelectual, no entanto, foi paga pela estabilização das linhas fixadas desde a Independência. Desse modo, não medrou entre nós nem o veio especulativo que tornou a Alemanha um centro de referência [...] nem a linha ético-pragmática que distinguiria a Inglaterra. (LIMA, 2006, p. 6).

A condição de escritor seria incompatível ou conflituosa com a simultânea atuação (séria) do crítico em um ambiente cultural estreito e provinciano - reduzido praticamente à capital do Império (depois da República) e agravado pelo fato de Machado tornar-se aglutinador cultural e presidente da recém-fundada Academia Brasileira de Letras (1897). Ao distanciar-se oficialmente do papel de crítico, ele inicia novos projetos que também seriam importantes para a formação da literatura nacional sem que, para isso, aumentasse o número de inimizades, bem como modifica invariavelmente sua postura. Neste momento, ele não possui as mesmas ambições que tinha quando, aos 20 e poucos anos, lançou-se na tarefa de crítico. Assim, o resultado de suas análises e apontamentos, feitos no início de sua carreira, será transferido para o projeto de ficção que ele começa a criar.

É importante salientar que o gênio por trás de *Dom Casmurro* aposentou-se do cargo sem, de fato, deixar de exercê-lo. Isso é o que salienta o professor José Luís Jobim:

Se considerarmos, além da crítica em artigos datados e exclusivamente literários, outras formas de exercício desta, como a inserção de observações sobre obras e autores em crônicas e artigos em revistas e jornais, ou as cartas com comentários dirigidos a autores e obras - inclusive as publicadas, como a dirigida a Enéas Galvão, comentando o seu livro *Miragens*, e coligida como “crítica literária” por Mário de Alencar -, bem como as inserções de observações sobre autores, obras, modos de narrar, categorias da narrativa nos próprios romances da maturidade, talvez tenhamos um quadro diferente. Um quadro que certamente merece ainda mais estudos e considerações. (2015, p. 20)





Pode-se entender, portanto, que Machado de Assis preferiu não mais colecionar desafetos³, mas sim encontrar formas alternativas para melhorar a literatura nacional. Felizmente, surge, para ocupar o espaço deixado pelo antigo cargo, a função de escritor maduro e genial.

3 Um Homem Insatisfeito

Ao longo dos diferentes textos produzidos por Machado de Assis, nota-se, nas entrelinhas, que ele não estava satisfeito com boa parte das publicações de sua época. Por vezes, o descontentamento aparece de forma mais direta como é o caso de seus textos de cunho crítico.

Levando-se em consideração que todo crítico é antes de tudo um leitor, podemos chegar à conclusão de que a produção literária da época nem sempre era capaz de alimentar a expectativa produzida pelo leitor Machado, provocando nele certa insatisfação. Buscaremos, então, nesta parte do trabalho, evidenciar de forma ingênua alguns momentos em que seja possível perceber traços de tal desagrado.

Já foi exposto que a crítica desempenhada pelo Bruxo do Cosme Velho objetivava ajudar e guiar os autores no processo de aperfeiçoamento e lapidação de seus escritos. Pode-se imaginar que ele esperasse, por assim dizer, que o conteúdo de suas considerações fosse bem recebido e considerado material útil para a melhoria de uma obra. Assim, fica claro que ele desejava provocar um efeito positivo ao elaborar uma resenha crítica, no entanto, como já vimos, nem sempre o resultado esperado por ele se realizava, ao contrário.

Encontramos, portanto, o segundo dissabor provado por Machado: a expectativa que ele alimentava sobre o papel do crítico não corresponde à realidade. Exercendo a função, ele não foi capaz de orientar a literatura nacional para um caminho de acertos, já que faltava aos escritores da época maturidade para compreender as orientações críticas feitas por ele, sem encará-las como pessoais. Forma-se uma sequência de ações desagradáveis que pode ser enumerada da seguinte forma: Machado de Assis encontra, na leitura das obras clássicas internacionais, satisfação tanto pela qualidade técnica quanto pelo desenrolar de ideias; ao ler as obras nacionais, não encontra as mesmas aptidões, estando insatisfeito como leitor, vislumbra na figura do crítico a possibilidade de ajudar a criar uma literatura nacional de qualidade; desempenha, então, a função e, quando não consegue promover a melhora que desejava, torna-se novamente descontente.

O caminho consciente ou inconsciente encontrado por ele para satisfazer-se é a realização de uma obra ficcional que carregue tudo aquilo que ele julgou, já na sua juventude, como valoroso e bom. Por isso, é tão fácil encontrar um diálogo entre os apontamentos críticos que desenvolveu e os romances que criou.⁴ Como já foi mencionado, ele não traria para a ficção os defeitos que, anteriormente, apontou, mas sim os acertos que tanto vislumbrou. Nesse sentido, *Memórias póstumas de Brás Cubas* nos servirá como terreno fértil para evidenciar que a obra de ficção machadiana é o resultado de um crítico e, anteriormente, um leitor insatisfeito.

³ É o que aponta Mario de Alencar no famoso texto “Advertência”(1910).

⁴ Machado de Assis condenou enredos presos ao excesso de descrições e criticou a ficção que apresenta narradores presos a descrever objetos e lugares. Usou, distanciando-se completamente dessas características, o narrador em primeira pessoa que despeja ironias e dialoga com o leitor.





4. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: o Resultado de uma Insatisfação

Inúmeras são as características presentes na obra que a distanciam dos outros escritos do século XIX. Em verdade, existe também um distanciamento entre ela e tudo o que foi escrito antes por Machado de Assis.⁵ O trabalho aqui desenvolvido não pretende apontar toda a peculiaridade do livro em questão, mas sim estabelecer um diálogo entre os textos críticos e a narrativa de *Brás Cubas*.

Na famosa crítica feita a Eça de Queiroz, o escritor de *A mão e a luva* aponta tudo o que julga como negativo no romance lusitano, destacando o quão prejudicial era preocupar-se de forma excessiva com o caráter descritivo do texto. Cabe, então, a pergunta: por que esta análise crítica em específico é tão importante ao ponto de a usarmos para traçar um paralelo com *Memórias Póstumas*?

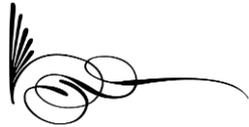
Devemos, para responder o questionamento feito, lançar luz sobre o ano em que a crítica machadiana foi publicada. Trata-se de 1878, apenas dois anos antes da publicação das memórias do autor defunto. Tal data é importante, já que – como aponta Paulo Franchetti em seu texto sobre “O Primo Basílio e a Batalha do Realismo no Brasil” (2007) – é um momento de impasse na carreira de Machado de Assis. A nova tendência literária em ebulição, oriunda de Gustave Flaubert e aprofundada por Émile Zola, da forma como era feita não o agradava. Além disso, era necessário avançar e superar, dentro da questão técnica, o estilo desenvolvido em *Ressurreição*. Como avançar e lapidar o próprio fazer literário?

O Machado que formula a resenha “Eça de Queirós: O Primo Basílio” ainda não é o mesmo que criará *Memórias Póstumas*. Isso é uma constatação óbvia, mas não significa que uma parte dele já não houvesse tomado forma. Ao voltar-se de modo ferrenho para a descrição desenvolvida por Eça, ele evidencia que tal tipo de caracterização é cansativa e desnecessária e, por isso, não construirá a própria ficção seguindo esse preceito. Por outro lado, a posição moralista, presente em 78, sofrerá alterações ao longo dos anos seguintes como nos mostra o professor João Cezar de Castro Rocha:

O Machado de 1878, isso é, o leitor de *O Primo Basílio*, certamente condenaria o Machado de 1880, ou seja, o autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Para o crítico normativo de 1878, as aventuras de *Brás Cubas* pareceriam desnecessariamente eróticas; o móvel de suas ações pouco claro, uma vez que o personagem caracteriza-se por uma volubilidade estrutural; sobretudo, o crítico normativo de 1878 rejeitaria a falta de verossimilhança de um defunto narrador e apontaria a falha fundamental da estrutura: ora, como principiar uma história pela sua conclusão? Sobretudo: como deixar de condenar um romance em que o acessório parece sempre impor-se em relação ao essencial, através da técnica da digressão, com inegável sabor sterniano? (2015, p. 10)

⁵ Muitos trabalhos publicados afirmam que *Memórias póstumas de Brás Cubas* é um divisor de águas dentro da ficção machadiana. Alfredo Bosi e João Cezar de Castro Rocha são alguns dos estudiosos a darem este parecer à obra citada. Sendo assim, a crítica de um modo geral divide a ficção machadiana em duas partes, estabelecendo o livro em questão como norteador da fase amadurecida do autor. Deve-se destacar que o próprio Machado de Assis, na segunda edição de *Helena*, afirma que esse livro faz parte de primeira fase de sua vida.





A análise desenvolvida pelo crítico citado acima peca, no entanto, ao enxergar na ficção machadiana cenas “desnecessariamente eróticas”. A construção do erotismo descrita por Brás Cubas é polida e muito controlada quando a comparamos com a construção queirosiana. O grande diferencial está no fato delas surgirem de forma mais marcante nessa obra de Machado do que nos livros anteriormente publicados.

Devemos considerar, neste ponto, que, ao trazer para o texto os encontros casuais do narrador com Virgília ou Marcela, nada é feito de forma precisa em detalhes, ademais, as escolhas lexicais feitas pelo autor são discretas. Tomemos como exemplo o fragmento a seguir:

Vaguei pelas ruas e recolhi-me às nove horas. Não podendo dormir, atirei-me a ler e escrever. Às onze horas estava arrependido de não ter ido ao teatro, consultei o relógio, quis vestir-me, e sair. Julguei, porém, que chegaria tarde; demais, era dar prova de fraqueza. Evidentemente, Virgília começava a aborrecer-se de mim, pensava eu. E esta idéia fez-me sucessivamente desesperado e frio, disposto a esquecê-la e a matá-la. Via-a dali mesmo, reclinada no camarote, com os seus magníficos braços nus, – os braços que eram meus, só meus – fascinando os olhos de todos, com o vestido soberbo que havia de ter, o colo de leite, os cabelos postos em bandós, à maneira do tempo, e os brilhantes, menos luzidios que os olhos dela... Via-a assim, e doía-me que a vissem outros. Depois, começava a despi-la, a pôr de lado as jóias e sedas, a despenteá-la com as minhas mãos sôfregas e lascivas, a torná-la, – não sei se mais bela, se mais natural, – a torná-la minha, somente minha, unicamente minha. (1994, p. 71)

Na citação acima, é possível notar que, ao caracterizar o corpo e a aparência da personagem, bem como ao evidenciar o desejo de Brás por Virgília, Machado não vai a fundo, não contextualiza uma cena, de fato, erótica. A excitação sentida por Brás alcança seu ápice descritivo nos cabelos da personagem e fica apenas ali, estabilizada, obedecendo, de algum modo, aos padrões de conduta e comportamento que a moral e os bons costumes da época exigem.

Machado não ousa na dose erótica – quando comparamos a construção feita por ele à obra de Eça -, no entanto, por trazer para a narrativa a questão sexual – fato que não se manifestou nos romances anteriores –, ele foge do antigo padrão presente em seus textos, ainda que isso não surja de forma explícita. Assim, como formula João Cezar de Castro Rocha (2015, p. 16), ele deixa brevemente o seu lado moralista.

Ao compararmos a construção inicial dos romances com a segunda fase machadiana, notamos uma ficção que se inicia de forma apagada e que alcança o auge, quando dá voz a peripécias e a inovações narrativas. Assim, o tradicional foi deixado de lado, dando espaço para a inovação. No entanto, como aponta Roberto Schwarz, não se pode pensar que a mudança surgiu da noite para o dia e que não houvesse nenhum traço, dentro da escrita machadiana, capaz de entrever a possibilidade de uma construção com maior inventividade:

[...] Nos anos 70, quando escrevia os seus quatro romances fracos, quase privados de atmosfera contemporânea, Machado já era forte nas piruetas





petulantes e cosmopolitas do folhetim semanal. O que faltava, para completar a configuração artística da maturidade, não era portanto o procedimento narrativo. A viravolta pendente, que permitiria incorporar à elaboração romanesca uma técnica disponível e comum a muitos, era de ordem ideológica. De modo genérico, pode-se imaginar que a literatura de jornal, frívola e algo cínica, parecesse compatível com ambições artísticas sérias. Mais decisivamente, aqueles defeitos representavam o oposto da fidelidade e retidão que seria preciso quase exigir dos proprietários, como única segurança para desamparo dos dependentes. (SCHWARZ, 1990, p. 217)

Cabe, neste ponto, uma indagação: como Machado de Assis se apropria dos autores realistas? A melhor forma de encontrar uma resposta ao questionamento talvez se encontre nas temáticas que permeiam tanto *Dom Casmurro* quanto *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Ambos trazem o adultério – assunto comum ao realismo –, mas com uma nova roupagem. A narrativa de Bento e Capitu alimentamos de dúvidas e, como magistralmente nos aponta Silviano Santiago (2000), desenvolve o ciúme como elemento essencial ao enredo. Já Cubas e Virgília mantêm uma relação adúltera, porém o leitor está entretido demais com a perspicácia do narrador-protagonista para ficar chocado com os encontros secretos deles.

Para além da questão do adultério – que toma na obra do fundador da ABL um contorno menos marcante e não serve como temática principal dos romances –, pode-se imaginar que existe uma relação de proximidade entre ele e Gustave Flaubert. Como leitor atualizado e voraz, não há dúvidas de que ele leu a ficção escrita pelo autor francês. Ao observarmos o acervo pessoal que se encontra na ABL, é fácil localizar ali o nome do criador de Emma Bovary, porém, Machado escolheu o silêncio e não traz referências diretas ao francês em suas críticas, cartas ou romances.

Uma aproximação entre Machado e Flaubert torna-se possível no plano do discurso:

[...] Ou na banalização sistemática do pensamento levada a efeito na literatura de Flaubert. Aqui as ideias têm a mesma espessura e visibilidade que as coisas, de que não se distinguem e com as quais deslizam, em igualdade de condições, sobre a célebre e incansável “esteira rolante” formada pelo uso especial que o autor faz do pretérito narrativo. Nos dois escritores, trata-se da percepção moderna de ideologia, para a qual as explicações da vida integram funcionalmente a argamassa da estabilidade social: pensamento espontâneo é livre e individual só ilusoriamente, o que degrada e transforma em matéria literária com implicações contra-intuitivas, que requerem tratamento novo e empurram em direção do século XX. Algo semelhante também ocorre na ficção machadiana, onde as ideias também são concebidas de fora, sem inocência, como fato social a observar com desapego naturalista. Indicamos o fundamento brasileiro desta coisificação, e o recurso literário o qual ela foi recriada: nada mais distante do mundo e do estilo de Flaubert. Não obstante, a precisão técnica com que os dois montam a ratoeira mental em que vivem as suas personagens autoriza a aproximação. Seja porque a disciplina científica é uma referência indispensável ao trabalho de ambos, contemporâneos neste sentido,





seja porque o esvaziamento espiritual da burguesia já formava um horizonte planetário, ainda que tomando forma diversa em diferentes lugares. (SCHWARZ, 1990, p. 158)

Schwarz lança brevemente um eixo em comum entre ambos que nos possibilita pensar na interessante linha que os une. No entanto, devemos voltar para um ponto importante deste trabalho: Brás Cubas como o resultado de uma insatisfação. Neste sentido, o plano discursivo permanece como assunto importante, já que entre as duas obras há uma diferença crucial: o foco narrativo.

Ao fazer uso da primeira pessoa, Machado consegue confeccionar todo um enredo que flui de acordo com a vontade pessoal de seu narrador, de acordo com o esquema mental que o mesmo desenvolve. O autor pode, então, não só desenvolver uma crítica à sociedade de sua época como também ridicularizá-la na figura de um burguês medíocre. Além disso, para que a imparcialidade seja mantida – regra comum nos textos da época –, aquele que nos conta a história da sociedade do século XIX deve estar morto. Esta quebra de estrutura, que configura ao nosso escritor tanto diferencial, é a responsável por distanciar sua obra de uma “reprodução fotográfica e servil das coisas mínimas e ignóbeis” (ASSIS, 1986, p. 916).

Por que *Memórias Póstumas* é o resultado de uma insatisfação? Porque, além de se opor de forma técnica e conteudista ao fazer literário que tanto incomodava Machado de Assis, o livro é o encontro de uma narrativa repleta de peripécias⁶ com algumas das referências de leitura que ele admirava. Isso fica claro, por exemplo, nas várias referências feitas a Shakespeare.

Assim, entendemos que o Bruxo do Cosme Velho, ao elaborar análises críticas sobre autores de sua época, repensava o caminho de possibilidades que a literatura nacional poderia tomar. Foi o caminho encontrado pelo homem que não conseguiu, por meio de suas análises críticas, conduzir a literatura nacional ao patamar da excelência. Precisou, então, ele mesmo, parafraseando o dito popular, “colocar a mão na massa” e moldar, como achava mais pertinente, a ficção nacional.

5 Considerações Finais

O caminho percorrido permite diagramar que a função de crítico influenciou a ficção machadiana de forma positiva e enriquecedora. Machado de Assis, ao criar resenhas críticas, traçou o perfil ideal de um crítico e, junto a isso, percebeu quais elementos deveriam melhorar nos romances que leu, incorporando tais concepções na própria ficção que criou a partir de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Se o escritor decidiu deixar de lado o ofício, conseguiu transpor para a ficção a qualidade técnica que elogiava e afastar as características que entendia como negativas. Com efeito, as análises críticas desenvolvidas por ele servem de interessante material para a compreensão de forma mais elucidativa do caráter de sua ficção.

⁶ Como aponta Schwarz, os folhetins escritos por Machado, antes da publicação de *Memórias Póstumas*, já carregavam tal característica.





Referências

- ASSIS, Machado de. Eça de Queiroz: O Primo Basílio. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1986. v. 3, p. 903-904.
- BERNARDO, Gustavo. **O problema do realismo de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- FRANCHETTI, Paulo. O Primo Basílio e a Batalha do Realismo no Brasil. In: **Estudos de literatura brasileira e portuguesa**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007. p. 171-192.
- JOBIM, José Luís. **Machado de Assis: o crítico como romancista**. Disponível em: <<http://machadodeassis.net/download/numero05/num05artigo07.pdf>>. Acesso em 15 ago. 2015.
- LIMA, Luiz Costa. Letras à míngua. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 ago. 2006. Caderno Mais!, p. 6.
- SANTIAGO, Silviano. Retórica da verossimilhança. In: _____. **Uma literatura nos trópicos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SCHWARZ, Roberto. Duas notas sobre Machado de Assis. In: _____. **Que horas são?**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 165-78.
- SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Duas Cidades, 1990.
- ROCHA, João Cezar de Castro. **Machado de Assis: por uma poética da emulação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- ROCHA, J. Cezar de Castro. **Machado de Assis e Eça de Queirós: formas de apropriação**. Disponível em: <<https://direitouerj.academia.edu/JoaoCezardeCastroRocha>>. Acesso em: 17 ago. 2015.

